

## S. Salvador de Minhotães

MINHOTÃES, orago São Salvador, era uma reitoria da apresentação da Mitra.

A palavra *Minhotães* quer dizer *terra de minhotos*, talvez por haver aqui muitas dessas aves, a que em outras partes chamam milhanos ou milhafres.

Foi comenda dos Templários até à extinção daquela Ordem, passando depois para a de Cristo.

A Ordem dos Templários foi fundada em Jerusalém em 1118 com o fim de proteger os peregrinos, sendo seus fundadores Hugo de Payns e oito cavaleiros franceses que tinham seguido a cruzada de Godofredo de Bulhões.

Os freires desta milícia, que deviam formar uma guarda da Palestina, chamavam-se primitivamente *Pobres Cavaleiros de Cristo*, passando mais tarde, quando Balduino II, rei de Jerusalém, os estabeleceu em um palácio perto do antigo templo de Salomão, a denominarem-se *Templários*.

O concílio de Troyes em 1128 confirmou esta nova ordem e deu-lhe regras severas.

Compreendia ela as seguintes classes de associados; *Cavaleiros*, que deviam ser nobres; *Escudeiros*, irmãos leigos, que eram os sargentos e soldados; *Capelães* e *Sacerdotes*, que formavam o clero da Ordem.

Havia ainda Os *Familiares*, que em Portugal se chamavam frades, confrades ou quase frades, pessoas de ambos os sexos, que aceitavam uma condição semelhante à de vassallos.

O chefe supremo da Ordem, eleito com todas as dignidades, chamava-se *Grão Mestre* e tinha honras de príncipe.

Esta ordem tornou-se logo nos seus princípios comopolita; podia estabelecer-se em todos os países e cada país para ela era uma *Província*, dividida em *Grão Priorados*, *Priorados* e *Comendadorias*.

Em Portugal os maiores prelados, primeiros, e principais cabeças da ordem, umas vezes se intitulavam *Preceptores*, outras *Comendadores Mores*, outras *Procuradores*, outras *Ministros* e outras *Mestres Provinciais*, subordinados ao Grão Mestre, que residia na Palestina, enquanto dali não foram expulsos.

Os comendadores particulares que residiam nas casas, hospícios ou pequenos conventos que a Ordem tinha nas cidades, vilas ou castelos e mesmo nas aldeias para receberem os frutos, promoverem a população e a agricultura, também se chamavam por vezes *Mestres*.

A bula Papal de 15 de junho de 1163 colocou os Templários em um lugar privilegiado dentro da Igreja Católica.

A sua divisa, escrita no estandarte preto e branco, era: «Non nobis, Domine, sed nomini tuo da gloria».

Os Templários, que a princípio professavam a pobreza e a castidade, formando a guarda avançada dos exércitos cristãos, em breve se espalharam pelo ocidente, sendo recompensados com numerosos domínios e tornaram-se grandes proprietários territoriais. Banqueiros dos papas, dos príncipes e até dos particulares, adquiriram

uma riqueza fabulosa; os seus templos, verdadeiras fortalezas, eram cofres fortes invioláveis.

Esta Ordem, fundada como dissemos, em Jerusalém, transferiu a sua sede em 1187 para S. João d'Acre e no fim do século XIII para a ilha de Chipre. Introduzida em Portugal em 1125 com o nome de Templários, Templeiros ou Tempreiros, já no ano seguinte possuía vários castelos e terras.

O primeiro estabelecimento que teve neste reino foi o castelo de Soure.

Em 1128 tinha uma casa em Braga e mais tarde um Hospital.

D. Afonso Henriques, para a honrar, filiou-se nesta Ordem e fez-lhe largas doações, entre as quais a das terras de Cera em 1159, vizinha do rio Nabão, onde fundou o castelo de Tomar, e em 1169 o mesmo rei doou-lhe a terça parte de quanto ele conquistasse aos moiros no Alentejo, continuando os reis seus sucessores na mesma disposição de ânimo para com esta Ordem.

Nesta parte do concelho de Barcelos possuiu esta Ordem duas comendas: a de Minhotães e a de Santa Eulália de Rio Covo, as quais passaram em 1319 para a nova Ordem de Cristo.

A muita riqueza dos Templários nos vários países em que predominaram, o orgulho destes cavaleiros e o mau procedimento de alguns, despertou a cobiça e a malevolência dos seus inimigos, até que, vencendo estes, esta antiga e nobilíssima Ordem militar e religiosa foi extinta em 1311 pelo Papa Clemente V, declarando-se o pontífice *legítimo e forçado herdeiro* de todos os seus bens.

Em Portugal, porém, não se provando os crimes de que estes cavaleiros eram acusados, D. Dinis, procedendo

com patriotismo e usando de diplomacia, salvou os bens dos Templários, instituindo sobre os escombros daquela Ordem outra a que deu o nome de *Ordem de Cristo* e passando-os para esta, bem como todos os freires que nela quisessem ingressar.

Esta freguesia vem nas Inquirições de 1220 com a designação — «De Sancto Salvatore de Miotaes», na Terra de Faria.

Nelas se diz: que o rei tem aqui o seu reguengo demarcado por balizas; que esta freguesia tem sesmarias e 16 casais, Hospital «media vessada», Várzea 2 casais, Arnoso, 1 casal, Vilar de Frades 1 casal e um terço e S. Simão meio casal.

Ao fundo de um pequeno terreiro, que se estende ao nascente da Estrada Municipal, ergue-se a Igreja Paroquial. Cercada de adro, vedado parte por parede e parte por valo, com duas portas de serventia, é um templo baixo e modesto. Por cima da porta principal tem a data de 1702, seguida do versículo —«INTROIBO DOMVM TVAM. Ps. 68».

Por cima de uma singela rosácea está a imagem do Salvador, sentada.

Ao lado direito da fachada levanta-se uma modesta torre com seu relógio, a qual por baixo de uma fresta tem a data — 1859.

Do mesmo lado da torre, a seguir a esta, estão as duas sacristias: a da Senhora das Neves e a Paroquial.

Na porta travessa está gravada na padieira a seguinte inscrição: «VIAM VERITATIS ELEGI, ex Ps. 118».

A capela-mor é forrada a madeira pintada, tendo no centro um lindo quadro alusivo à adoração do Sacramento. O altar é em talha renascença antiga, parecendo

que para aqui veio de outra igreja, sendo reduzido na ocasião da sua adaptação.

No arco cruzeiro tem a seguinte inscrição: —« DO-MINE. BONVM. EST. NOS. HIC. ESSE. . . . »

O corpo da Igreja é forrado a estuque, vendo-se ali ainda vestígios de uma clarabóia, que foi tapada, levantando-se nessa ocasião grande conflito de opinião entre o povo desta freguesia.

No púlpito está gravada a seguinte inscrição: «BEATI QVI AVDIVNT VERBVM DEI ET CVSTODIVM ILLVD».

O baptistério e a pia de água benta em granito têm trabalho\* mostrando antiguidade.

Corre na tradição que esta Igreja esteve primitivamente no lugar da Lagoa, sendo mudada para aqui em data que não posso precisar.

Tem esta freguesia duas capelas, ambas particulares: *a de S. José*, junto à casa da Veiga e *a de Santa Ana*, junto à casa da Torrente.

Existem ainda três Nichos ou Alminhas: as da Lagoa, talvez a marcar o sítio da velha matriz, as do Penedo e as do Cruzeiro.

Estas tem por baixo da cruz que as encima a data 1851.

Ao lado esquerdo da Igreja, separada desta pelo adro, está a Residência Paroquial de regular aparência, ainda que modesta.

Junto a esta, a fechar o terreiro do lado do norte, vê-se o velho portal, estilo clássico, ameado e armoriado da casa da Quinta, de Minhotães.

Do lado sul desse terreiro está o Cemitério, cujo portão ostenta a seguinte inscrição: « CEMITÉRIO PAROCHIAL — 1887».

O Cruzeiro Paroquial ergue-se no alto do terreiro, do outro lado da estrada.

É alto, elegante, se bem que simples e moderno; foi construído pouco mais ou menos na ocasião do cemitério.

Esta freguesia confronta pelo norte, com as de Grimancelos, Fralães e Viatodos; pelo nascente, com a do Louro, do concelho de Famalicão; pelo sul, com a de Cavalões, também de Famalicão e pelo poente, com a de Gondifelos, daquele concelho.

Situada no declive de um pequeno outeiro, estende-se por uma fértil planície até às margens do Ave, que a banha ao sul e a separa do concelho de Famalicão.

Tem as seguintes fontes públicas: Barrio, Leviada e Cachadinha.

É servida pela Estrada Municipal que da de Grimancelos vai até à de Famalicão a Vila do Conde, no lugar da Estação dos Caminhos de Ferro de Gondifelos.

A sua população no século XVI era de 42 moradores; no século XVII era de 50 vizinhos; no século XVIII era de 61 fogos; no século XIX era de 459. habitantes e pelo 7.º Censo de População é de 590 habitantes, sendo 250 varões e 340 fêmeas, sabendo ler 87 homens e 56 mulheres.

Esta população está distribuída pelos seguintes lugares habitados: Vilar, Devezinha, Lagoa, Cachadinha, Monte, Penedo, Igreja, Torrente, Clara, Barrio, Hortões, Requião, Roma, Vila Pouca, Horto, Veiga e Lamela.

As suas casas mais importantes são: a da Devezinha, a da Veiga, a da Torrente, a quinta de Minhotães, brasonada, a da Lagoa, a da Torre e a da Lamela, também brasonada.

Tem esta freguesia três lojas de comércio, caixa do Correio e não tem Escola Oficial.

A quinta de Minhotães, que andou durante séculos n os Felgueiras, é sita junto à Igreja Paroquial.

*Álvaro Felgueiras*, filho de Manuel Felgueiras Valadares, natural de Vila do Conde, residiu parte de sua vida nesta quinta. Foi Escudeiro Fidalgo e teve uma filha, que foi freira em Vairão, a qual teve um filho, Frutuoso da Silva Felgueiras, do P.<sup>o</sup> Salvador Jorge, capelão de seu pai, legitimado por escritura de 16 de Dezembro de 1666.

*Constantino de Sá Felgueiras*, filho de Frutuoso de Sá Felgueiras, foi Juiz dos Órfãos na cidade de Braga e Juiz de Fora em Barcelos, senhor da casa de Minhotães, casou no Porto com D. Teresa Rite. Tirou brasão dos Felgueiras, Sás, Almeidas, e Cerqueiras, em 15 de Abril de 1791.

*José Maria de Sá Felgueiras Benevides*, filho do antecedente, senhor da quinta de Minhotães, casou por namoro na Igreja de Santa Maria de Abade do Neiva com D. Maria José Brandão de Portugal de Meneses, filha de Luís Brandão Pereira de Lacerda e de sua mulher D. Antónia de Portugal de Meneses, senhores do Morgado de São Payo, casa da Torre da Marca, Porto, etc. etc.

Este casamento teve grande oposição por parte da família de sua mulher, principalmente por parte de seu irmão José Maria Brandão de Melo, 2.<sup>o</sup> Visconde de S. Gil de Perre, 2.<sup>o</sup> Conde de Terena, 15.<sup>o</sup> Senhor de Fralães, etc.

Foi tal essa oposição e consequente perseguição que D. Maria José foi encerrada em um convento e José Felgueiras preso dois anos nas cadeias da Relação do Porto, «andou onze meses sobre as águas do mar e dois anos escondido neste reino», como ele diz no seu testamento, feito em 1836, arquivado no *Livro dos Testamentos* da freguesia de Minhotães a fl. 123.

Junot quando do seu governo de Lisboa pôs termo a essa perseguição (1) mandando juntar os dois casados e D. João VI dispensou a José Felgueiras toda a sua benevolência, dando-lhe um Ofício do Público e Judicial e Notas, o afilhamento e o hábito de Cristo e nomeando-o duas vezes vereador da sua terra e vila de Barcelos.

José Felgueiras teve oito filhos: Fernando, Luís que era Tenente da Tropa de Linha de Moçambique e dizem morrera antes do testamento de seu pai, José, despachado Alferes para o Ultramar, Vasco, António, Manuel, Maria e Emília. É deveras interessante aquele testamento de José Felgueiras e se aqui o não transcrevo na íntegra é por ser muito extensa a sua leitura.

A quinta de Minhotães foi vendida por Vasco de Sá Brandão de Portugal e Meneses à família Barroso, em cuja posse anda.

(i) Carta de Junot mandando pôr em liberdade D. Maria José, recolhida no convento de Santa Clara de Coimbra.

«O Governador de Pariz, Primeiro Ajudante de Campo de S. Magestade o Imperador e Rey, General em Chefe.

Em o Quartel General de Lisboa, 22 de dezembro de 1807.

Madame: — Não é inutilmente que a innocencia opprimida se dirige ao Representante do Grande Napoleão: seu poder abraça o Mundo e sua Justiça he distributiva tanto para com os Vassallos como para com os Reis.

Eu ordeno que vos ponham em liberdade e que se vos dê um passaporte para Lisboa ; vinde ahi, e de lá vos será fácil fazer sahir das Prisões do Porto a pessoa que vos interessa e que, como vós, tem sido a victima do orgulho de um Ministro: Eu vos protegerei a ambos.

Eu tenho a honra de ser,

Madame, vosso mais  
humilde e obediente Servo

(a) *Junoí*»

José de Sousa Machado—Últimas Gerações — vol. I, pág. 167.



Viveu nesta freguesia um desses versejadores populares que se tornou notável no seu tempo e de quem ainda hoje se fala.

Escreveu várias trovas e tal era o seu estro que chegou a rimar os requerimentos dirigidos aos seus superiores hierárquicos.

Chamou-se ele o *P.<sup>e</sup> António José Leitão* « O Pedreira » que viveu em meados do século XIX.

Pena tenho de não possuir algumas das suas composições poéticas para com elas amenizar a leitura maçuda desta história das freguesias em que ando empenhado.